

AS ILHAS E O SISTEMA ATLÂNTICO

POR

ALBERTO VIEIRA

The island seems to have a tenacious hold on the human imagination.

(YI-FU TUAN, *Topophilia*, N. York, 1974)

I Plead for writing a world history that is as comprehensive and systematic as possible. It should offer a more humanocentric alternative to western Eurocentrism. This history should seek maximum «unity in the diversity» of human experience and development.

(ANDRE GUNDER FRANK, «A Plea for World System History», *Journal of World History*, 2: 1, 1991)

RESUMEN

Desde finais do século XX que a questão do sistema atlântico se tornou moda na Historiografia europeia e norte-americana. Sucede que esta visão é quase sempre unilateral, de acordo com a língua ou região. Por outro lado poucos valorizam o papel das ilhas nesta abordagem. Partindo desta situação propomos uma nova abordagem historiográfica que valorize as ilhas no sistema atlântico.

Palabras clave: Ilhas Atlânticas, sistema Atlântico, Estudos Atlânticos, Historiografia.

ABSTRACT

Since the end of the XX century the question of the Atlantic system became a fashion in the European and North American Historiografia. It in accordance with succeeds that this vision is almost always unilateral

according the language or region. On the other hand the paper of the islands is not considered. Leaving of this situation we consider a new historiography boarding the islands in the Atlantic system.

Key words: Atlantic Islands, Atlantic System, Atlantic Studies, Historiography.

Nos últimos anos tornou-se moda para a Historiografia ocidental o estudo do Atlântico, sob a designação genérica de *Estudos Atlânticos*, ou mais de carácter histórico com o chamado *Sistema Atlântico*. Na verdade, foi a partir da II Guerra Mundial que europeus e norte-americanos começaram a valorizar o espaço atlântico como área de estudo, mas só nas últimas décadas da centúria se estabeleceram linhas sistemáticas de investigação nos diversos níveis com predominância para a História. Tendo como pano de fundo as comemorações centenárias começaram a surgir encontros, seminários, colóquios, cursos, cátedras e publicações sob o lema deste espaço oceânico. Em 1999 num encontro realizado em Hamburgo pelo Prof. Horst Pietschmann¹, que tivemos oportunidade de participar, foi colocada mesmo a hipótese de ser criada uma disciplina de História atlântica, que se demarcasse das Histórias da Europa e Universal.

O SISTEMA ATLÂNTICO

A ideia de um espaço integrado marcado por diversas interacções foi uma realidade desde os tempos dos descobrimentos portugueses. A pretensão do Infante começou por ser a criação desse espaço com base nas ilhas, alargando depois ao litoral dos continentes. A imagem do mundo insular presente no espaço Atlântico, por força do pioneirismo e projecção nas áreas continentais, está patente na política de expansão portuguesa, como na Historiografia que a testemunha. O texto de Gaspar Frutuoso, de finais do século XVI, é uma das expressões disso. Des-

¹ Horst Pietschmann, *Atlantic History: History of the Atlantic System, 1580-1830*, Joachim Jungius [Hamburg], 2002.

te modo muito antes que a Historiografia norte-americana, do post-segunda guerra mundial visse a importância do mundo atlântico e das conexões integradas, já os portugueses e acima de tudo os ilhéus tinham perfeita consciência disso, considerando-se como pilares e resultados da realidade holística que marcou o mundo atlântico desde o século XVI. A presença de ingleses, holandeses e franceses na disputa do espaço e na definição e fruição do próprio sistema é muito mais tardia². Por outro lado, a Historiografia europeia, também do post-guerra, expressou de forma muito clara a realidade com a publicação de trabalhos pioneiros de Fernand Braudel³, Charles Verlinden⁴, Pierre e Hughette Chaunu⁵, Vitorino Magalhães Godinho⁶, Vítor Morales Padron⁷ e António Rumeu de Armas⁸. Assinale-se por exemplo a criação do *Anuario de Estudios de Historia del Atlántico*, em Las Palmas de Gran Canaria, por António Rumeu de Armas, uma peça basilar de afirmação da atlanticidade tendo como ponto de partida as ilhas⁹.

² Cf. *The British Atlantic Empire before the American Revolution*. Contributors: Peter Marshall - editor, Glyn Williams - editor. Publisher: Cass. Place of Publication: London. Publication Year: 1980. Como refere *The Atlantic System* [The Story of Anglo-American Control of the Seas. Westport, CT.: 1973] o interesse Americano pelo Atlântico começou a partir de 1890, mas foi após as duas guerras que ganhou maior importância e arrastou esta atenção historiográfica.

³ *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe III*, 2 vols., Lisboa, 1984 (1ª edição em 1949).

⁴ *Les Origines de la Civilization Atlantique*, Neuchâtel, 1966.

⁵ *Sevilla y América. Siglos XVI y XVII*, Sevilla, 1983 [Estudo abreviado dos 14 volumes de *Séville et l'Atlantique y del Pacifique des Ibériques*, 1949, 1955-60].

⁶ *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 2 vols. Lisboa, 1963-65

⁷ *El Comercio Canario-Americano (siglos XVI-XVIII)*, Sevilla, 1955.

⁸ *Canárias y el Atlántico. Piraterias y Ataques Navales*, Madrid, 1991 (reedição).

⁹ Em 2006 foi feita uma reedição completa dos volumes publicados em DVD: *Anuário de Estudios Atlánticos. Índice analítico de autores y Matérias*, Madrid-Las Palmas, nº 1-52, 1955-2006. Veja-se as palavras de apresentação por a. Rumeu de Armas: «El atlántico tiene en si mismo para que todo cuanto se nos interesse como preferente objetivo. (...) el Oceano recibio probablemente su nombre de las islas y no a la inversa».

O Atlântico tornou-se uma realidade de análise historiográfica a partir da década de quarenta do século XX, sendo o exemplo dado pela historiografia norte-americana, preocupada em rastrear as origens europeias. O conceito começou a ser definido em 1947 com Louis Wright¹⁰, mas terá sido o Mediterrâneo de F. Braudel (1949) que provocou atenção desusada na década de cinquenta¹¹. Só em finais da centúria surgiram estudos teóricos. Isto sucedeu num momento de afirmação da Historiografia Atlântica¹². De ambos os lados do Atlântico surgiram trabalhos em o Atlântico é o palco principal¹³. Albert Silbert nos recomenda que «*para bem conhecer a história da Madeira é a do Atlântico que é preciso evocar*»¹⁴. Isto é verdade tanto para a Madeira como para as demais ilhas e arquipélagos. São diversas as abordagens globais sobre o Atlântico, como os textos de Jacques Godechot¹⁵ e Paul Butel. Este último, com o seu *Atlântico*, vai já em mais de vinte edições, tornando-se numa referência da História do Atlântico. À perspectiva francesa juntam-se

¹⁰ *The Atlantic Frontier. Colonial American Civilization, 1607-1763*, N. York, 1947. Neste mesmo ano Jacques Godechot publicava em Paris: *Histoire de l'Atlantique*

¹¹ Horst Pietschmann, Introduction: Atlantic History. History Between European History and Global History, in *Atlantic History. History of the Atlantic System 1580-1830*, Gottingen, 2002, p. 16; Leonard Outhwaite, *the Atlantic: A History of an Ocean*, N. York, 1957; John Elliott, *Busqueda de la Historia Atlántica*, Las Palmas de Gran Canaria, 2001

¹² Bernard Bailyn, The Idea of Atlantic History, *Itinerário*, Leiden-1996, n° 20, pp. 1-27; Nicholas Canny, Writing Atlantic History; or Reconfiguring the History of Colonial British América, *The Journal of A American History*, n° 86 [1999], pp. 1093-114.

¹³ Huguette e Pierre Chaunu, *Séville et l'Atlantique, 1504-1650*, 8 vols, Paris, 1955-59; F. Mauro, *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle, 1570-1670*, Paris, 1970; Charles Verlinden, *the Beginnings of Modern Colonization*, Ithaca/Londres, 1970. D. W. Meinig, *The Shaping of América: A Geographical Perspective on 500 years of History, vol. I: Atlantic America 1492-1800*, New Haven, 1986; Kanas, Alan L. e J. R. Mcnell, *Atlantic American Societies from Columbus through abolition 1492-1888*, London, 1992.

¹⁴ *Uma Encruzilhada do Atlântico- Madeira(1640-1820)*, Funchal, CEHA, 1997, p. 76.

¹⁵ *Histoire de l'Atlantique*, Paris, 1947.

outras duas norte-americanas de Forrest Davies¹⁶ e Leonard Outhwaite¹⁷. Hoje, o Atlântico tornou-se num caso sério de estudo por parte da Historiografia europeia e norte-americana¹⁸. No último caso, a valorização do mundo Atlântico tem em Bernard Baylin um dos pilares fundamentais a partir da década de 70 com os cursos que coordenou na Universidade de Harvard¹⁹. Em 1995 teve início os *Seminários de História do Atlântico* que pronto se tornaram uma referência para a Historiografia de língua inglesa e no principal bastião e referência do sistema atlântico americano²⁰. Todavia, se tivermos em conta a participação de estudiosos, bem como as listagens de estudos, é notória a ausência de especialistas e textos fora do universo da língua inglesa²¹. Será que o tema mereceu atenção dos historia-

¹⁶ *The Atlantic System. The Story of Anglo-american Control of the Seas*, N. York, 1941.

¹⁷ *The Atlantic. A History of na Ocean*, N. York, 1957.

¹⁸ James E. Sanders, *Creating the Early Atlantic World: Renaissance Quarterly*. Volume: 56.1. 2003. Ralph Peters, *The Atlantic Century. Parameters*. Volume: 33. 3, 2003. Martin W. Lewis, *Dividing the Ocean Sea: The Geographical Review*. Elizabeth Mancke, *Early Modern Expansion and the Politicization of Oceanic Space. The Geographical Review*, Volume: 89: 2, 1999. Jerry H. Bentley, *Sea and Ocean Basins as Frameworks of Historical Analysis.: The Geographical Review*. Volume: 89. 2, 1999. James E. Sanders, *Creating the Early Atlantic World. Contributors: Renaissance Quarterly*. Volume: 56, 1, 2003.

¹⁹ A. Roger Ekirch, «Bernard Bailyn», in *Twentieth Century American Historians*, ed. Clyde N. Wilson, *Dictionary of Literary Biography* (Detroit: Gale, 1983), 17:19-26, and Michael Kammen and Stanley N. Katz, «Bernard Bailyn, Historian and Teacher», in *The Transformation of Early American History: Society, Authority, and Ideology*, ed. James A. Henretta, Michael Kammen, and Stanley N. Katz (New York: Knopf, 1991), 3-15; Jack N. Rakove, *Bernard Bailyn and the Problem of Authority in Early America*, in *The Transformation of Early American History*, ed. Henretta et al., 51-69; and «Encountering Bernard Bailyn», *Humanities* 19 (1998): 9-13, Robert Allen Rutland, *Bernard Baylin*, in *Clio's Favorites: Leading Historians of the United States, 1945-2000*. Columbia, MO.: 2000 Volume: 89: 2, 1999.

²⁰ Bernard Bailyn, Director, Harvard University, *International Seminar on the History of the Atlantic World, 1500-1825*: <http://www.fas.harvard.edu/~atlantic/>

²¹ Pat Denault, *Bibliography in Atlantic History*, in <http://www.fas.harvard.edu/~atlantic/atlanbib.html>.

dores que falam e escrevem em inglês? Para além desta já habitual reserva de esquecimento para os estudos em outra língua cabe ainda assinalar o notório desinteresse, ou também esquecimento pelo mundo insular atlântico. O Atlântico é quase só visto com um vasto oceano com duas margens onde europeus, africanos e americanos se entrecruzam. As ilhas não estão lá, ou se existem são um universo à parte. A nossa intenção, aqui e agora é chamar a atenção para o papel que também jogaram as ilhas neste jogo de relações históricas e reclamaram o lugar de direito na História Atlântica. Na verdade os insulares foram os primeiros atlânticos e quem mais enfrentou as consequências desta valorização do mundo atlântico ao longo dos últimos cinco séculos. Não será por acaso que em 1955 surgiu nas Canárias o *Anuário de Estudos Atlânticos*, que não obstante o seu carácter marcadamente insular, tiveram um papel fundamental na afirmação da História do Atlântico. Por outro lado em 1976, por iniciativa de Francisco Morales Padron e a Casa de Colón iniciou-se em las Palmas de Gran Canária os *Colóquios de História Canário Americana*, que passaram a valorizar as inter-conexões insulares e continentais do mundo das ilhas. Exemplo similar foi seguido na Madeira com a criação em 1986 do *Centro de Estudos de História do Atlântico*, também injustamente esquecido nesta História do Atlântico, a História comparada das ilhas Atlânticas e as suas conexões com os espaços continentais passou a ter um grande incremento.

O SISTEMA ATLÂNTICO COM E SEM AS ILHAS

«...O conjunto dos arquipélagos das Canárias, Madeira e Açores: escalas obrigatórias em todo esse sistema mundial, uma vez que o globo se tornou em periferia desse centro dinâmico, empreendedor e avassalador, que é a Europa ocidental dos séculos XVI-XVIII. (...) A Madeira situa-se no centro deste sistema de duplo sentido, e por isso de certo modo comanda todo este espaço, porque vive sobretudo da riquíssima produção própria».

(V. M. GODINHO, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar. Séculos XIII-XVIII*, Lisboa, 1990).

A historiografia ocidental vem apostando nos últimos anos nas temáticas dos *Estudos Atlânticos* e do *Sistema Atlântico*, quase só definidos pela afirmação dos portos costeiros dos três continentes (Europa, África e América), ignorando-se que existe entre eles, a servirem de pilares fundamentais para a comunicação, as ilhas. É por isso que os insulares não aceitam este discurso histórico e clamam por um outro diálogo que permita a diferenciação do protagonismo e identidade dos espaços insulares. Os estudos e o sistema atlânticos só alcançarão a plenitude no discurso historiográfico quando as abordagens acontecerem sob a forma de diálogo co-participativo dos diversos espaços e não pela afirmação do discurso euro-americano que aposta na função dominadora de uns portos ou espaços em relação aos demais. Só assim o Atlântico será um eixo integrador de espaços e portos insulares e continentais.

A historiografia defende única e exclusivamente a vinculação das ilhas ao Velho Mundo, realçando apenas a importância desta relação umbilical com a mãe-pátria. Os séculos XV e XVI seriam definidos como os momentos áureos do relacionamento, enquanto a conjuntura setecentista seria expressão da viragem para o Novo Mundo, em que alguns produtos, como o vinho, assumem o papel de protagonista e responsável das trocas comerciais.

Os estudos por nós realizados vieram a confirmar que a situação do relacionamento exterior da ilha não se resumia apenas a estas situações²². À margem das importantes vias e mercados subsistem outras que activaram também a economia madeirense, desde o séc. XV. As conexões entre os arquipélagos próximos (Açores e Canárias) ou afastados (Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe) foram já motivo de aprofundada explanação, que propiciou a valorização da estrutura comercial²³. Aqui ficou de-

²² «O comércio de cereais dos Açores para a Madeira no século XVII», in *Os Açores e o Atlântico* (séculos XIV-XVII), A. Heroísmo, 1984; «O comércio de cereais das Canárias para a Madeira nos séculos XVI e XVII», in *VI Colóquio de História Canario Americana*, Las Palmas, 1984; «Madeira e Lanzarote. Comércio de escravos e cereais no século XVII», in *IV Jornadas de História de Lanzarote e Fuerteventura*, Arrecife de Lanzarote, 1989.

²³ O comércio inter-insular (Madeira, Açores e Canárias) nos séculos XV e XVI, Funchal, 1987.

monstrada a importância assumida pelos contactos humanos e comerciais, que no primeiro caso, resultou da necessidade de abastecimento de cereais e, no segundo, das possibilidades de intervenção no tráfico negreiro, mercê da vinculação às áreas africanas da Costa da Guiné, Mina e Angola. Para além do privilegiado relacionamento com o mundo insular, a praça comercial madeirense foi protagonista de outros destinos no litoral africano ou americano e rosário de ilhas da América Central. No primeiro rumo ressalta a costa marroquina, onde os portugueses assentaram algumas praças, defendidas, a ferro e fogo, pelos ilhéus²⁴. No século XVI, com a paulatina afirmação do novo mundo americano costeiro e insular, depara-se um novo destino e mercado, que pautou o relacionamento externo nas centúrias posteriores. O novo mundo e mercado foram para muitos uma esperança de enriquecimento ou a forma de assegurar a posse de bens fundiários.

A HISTORIOGRAFÍA INSULAR

Algumas das questões têm definido os rumos da investigação insular. O enquadramento do mundo insular no contexto dos descobrimentos europeus faz ressaltar o protagonismo socio-económico, a posição charneira dos rumos da política expansionista. As funções de escala e modelo projectaram-nas na nova realidade emergente e conduziram a que fossem parte disso e não um mundo à parte. Por outro lado a expansão europeia foi propícia a definição de teias de subordinação e complementaridade que levaram a modelação de um mercado insular aberto e vinculado, de acordo com uma lógica de complementaridade. É isso, em certa medida, que define aquilo que ficou conhecido como o *Mediterrâneo Atlântico* nos séculos XV a XVII.

²⁴ A. A. Sarmiento, *A Madeira e as praças de África*. dum caderno de apontamentos, Funchal, 1932; Robert Ricard, «Les places luso-marocaines et les Iles portugaises de l'Atlantique», in *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, vol. II, 1949; António Dias Farinha, «A Madeira e o Norte de África nos séculos XV e XVI», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1986, vol. I, Funchal, 1989, pp. 360-375.

A favor da valorização dos espaços insulares temos ainda a tese que vingou no seio da Historiografia americana que apresenta o Atlântico como uma unidade de análise. O período, que decorre entre os inícios de expansão europeia, a partir do século XV, e a abolição da escravatura, em 1888, delimita cronologicamente a realidade²⁵. A dimensão assumida pelas ilhas no contexto da expansão quatrocentista, quer como terra de navegadores, quer como principal centro que modelou a realidade socio-económico do novo espaço atlântico, é a evidência da imprescindível da dimensão atlântica.

Se tomarmos em linha de conta alguns dos temas comuns da historiografia, como o vinho, o açúcar e a escravatura, seremos forçados a concluir que foram eles em boa parte, os responsáveis pela opção atlântica e que obrigam, sempre e em qualquer momento, a dar atenção ao meio envolvente. As rotas comerciais, os mercados europeus e colonial, e, acima de tudo, o oceano como mar aberto estão sempre presentes. Por tudo isto é forçoso afirmar que a ilha não se reduz à dimensão geográfica. À sua volta palpita um mundo gerador de múltiplas conexões, que não pode ser descurado sob pena de estarmos a atraiçoar o devir histórico. Há que rasgar o casulo da ilha e postar-se nas torres *avista-navios* de forma a vislumbrar o imenso firmamento que nos conduz a ilhas e continentes. Isto só será possível quando ultrapassarmos a fase do egocentrismo, da insularização e mergulharmos na profundidade do Atlântico à busca da atlanticidade.

Os rumos definidos pela historiografia insular nos últimos anos pautam-se por uma grande abertura temática e de envolvimento do espaço circunvizinho, isto é, as ilhas e os continentes que marcaram o devir histórico nos últimos cinco sécu-

²⁵ Cf. Alan L. Kanas e J. R. Manell, *Atlantic American Societies-from Columbus Through Abolition 1492-1886*, London, 1992; Alfred W. Crosby, *the Columbian Exchange, Biological and Cultural Consequences of 1492*, Westport, 1972; S. Mintz, *Sweetness and Power*, N. York, 1985. Michael Meyerr, «The price of the new transnational history», *the American Historical Review*, 96, nº 4, 1991, 1056-1072; D. W. Meinig, *Atlantic America 1492-1800*, New Haven, 1980; Lan Stelle, *The English Atlantic, 1675-1740 - An exploration & Communication and Community*, N. Y. 1986.

los. Deste modo poder-se-á afirmar que nas últimas décadas a historiografia saiu do casulo que a envolvia ganhando pela dimensão insular e atlântica. Acontece que esta não é uma atitude comungada por todos nós, havendo quem ainda se refugie no casulo da ilha e do próprio mundo, ignorando tudo e todos.

O caminho para a investigação passa necessariamente pelo conhecimento do que existe, isto é, do imprescindível estado da questão. Nunca devemos avançar para uma pesquisa documental ou uma qualquer abordagem temática sem sabermos o que os outros fizeram sobre o mesmo. É a etapa primeira e fundamental de todo o percurso. O aparato bibliográfico não é só uma questão de justiça, mas também uma necessidade imperiosa da produção científica. É chegado o momento de reflectir sobre a forma como se faz a História das Ilhas. Para isso torna-se imperioso repensar actividade historiográfica para que seja possível a definição de novos rumos adequados ao protagonismo e posicionamento que assumimos na História.

Na actualidade depara-se perante nós um momento de grande valorização da História no quotidiano. Dispomos de tudo o necessário para isso [Publicações periódicas, colóquios, conferências] e um desusado interesse do público em geral pela temática. Mas será que isto tem favorecido, em simultâneo, a afirmação da investigação e conseqüente avanço do conhecimento do nosso passado histórico? Não será a via mais fácil para a ridicularização do conhecimento histórico, fazendo valer o primado do documento isolado, fruto de leitura apressada e da incessante procura de textos para colóquios e revistas. As perspectivas globalizantes não se compadecem com a dimensão do nosso umbigo e as limitações, que a nossa condição de ilhéus, por vezes nos impõe. Devemos criar mecanismos e disponibilidade para que em qualquer trabalho que seja, tomemos conhecimentos de tudo o que existe em termos bibliográficos e documentais. A História não se faz apenas com um documento, ou a leitura deste ou aquele texto. A abordagem parcelar não faz História, apenas a indicia e, por vezes, no sentido errado.

A História insular carece também de uma revolução temática, o chamado «*território do historiador*» precisa de ser alargado para além dos «solos» ricos e tradicionais. A par disso o ofí-

cio precisa de ser dignificado através da perícia no manejo dos instrumentos de trabalho. O futuro da historiografia insular está no desfazer as auréolas de egocentrismo e insularidade, apercebendo-se da dimensão atlântica da sua História. A realização dos colóquios de História das Ilhas obedece a este princípio²⁶.

A HISTORIOGRAFIA, OS HISTORIADORES E AS NOVAS REALIDADES

A História das ilhas atlânticas tem merecido, na presente centúria, um tratamento preferencial no âmbito da História do Atlântico. Primeiro foram os investigadores europeus como F. Braudel (1949), Pierre Chaunu (1955-1960), Frédéric Mauro (1960) e Charles Verlinden (1960) a destacar a importância do espaço insular no contexto da expansão europeia. E só depois surgiu a historiografia nacional a corroborar a ideia e a equacioná-la nas dinâmicas da expansão insular. São pioneiros os trabalhos de Francisco Morales Padron (1955) e Vitorino de Magalhães Godinho (1963). Esta ambiência condicionou os rumos da historiografia insular nas últimas décadas e contribuiu para a necessária abertura às novas teorias e orientações do conhecimento histórico. As décadas de setenta e oitenta foram momentos importantes no progresso da investigação e saber históricos, contribuindo para tal a definição de estruturas institucionais e de iniciativas afins.

A produção historiográfica insular é desigual, dependendo o número da existência de literatos e de instituições capazes de incentivarem a elaboração e divulgação de estudos nos diversos domínios. Ainda, a similitude do processo vivencial aliada à permeabilidade às perspectivas históricas peninsulares definiram uma unidade na forma e conteúdo da historiografia insular. Gaspar Frutuoso, em finais do século XVI, com as *Saudades da Terra*, define e sintetiza a unidade insular, aproximando os arquipélagos da Madeira, Açores e Canárias. Esta ímpar situação

²⁶ Os colóquios iniciaram-se em 1985 e até ao momento já se realizaram oito encontros, de que resultaram 11 volumes. Ao mesmo nível se situa o projecto por nós coordenado: *Guia Para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas*, Funchal, 1995

na historiografia, só foi retomada na década de quarenta do nosso século pela historiografia europeia e no presente pela nova geração de historiadores insulares. Esta consciência histórica da unidade da múltipla realidade arquipelágica foi definida na expressão braudeliana de *Mediterrâneo Atlântico*²⁷, expressão que à luz dos actuais conhecimentos historiográficos merece ser revista. Na verdade viu-se muitas vezes as ilhas como uma projecção do Mediterrâneo tardo-medieval, quando afinal o que estava acontecendo era uma realidade distinta que hoje é bastante evidente na ideia de estudos e sistema atlântico.

A historiografia insular, permeável às origens europeias, surge, na alvorada da revolução do conhecimento cosmológico, como a expressão pioneira da novidade e, ao mesmo tempo necessidade institucional de justificação da intervenção e soberania peninsular. O período que medeia os séculos XV e XVI foi marcado por uma produção historiográfica mais europeia que local, próxima da crónica e da literatura de viagens, onde se espriam estes ideais. Os factos históricos e as impressões das viagens atlânticas, perpetuados nas crónicas e relatos de diversa índole terão uma utilização posterior de acordo com as exigências da época.

As exigências académicas, com a expansão do saber universitário, as solicitações do novo conhecimento histórico condicionaram tal avanço qualitativo da historiografia, a partir da década de quarenta. Assim, nas Canárias a tradição e vivência universitária propiciaram o forte arranque, enquanto nos Açores o academismo cultural e, depois, a universidade lançaram o arquipélago para uma posição similar. A Madeira, prenhe em documentos manteve-se num segundo plano, mercê da falta de suporte institucional e académico. Todavia, as condições iminentes da dinâmica autonómica com o aparecimento de suportes institucionais definiram um futuro promissor.

O século XX pode ser considerado sem dúvida o momento de afirmação da Historiografia insulana. Um conjunto variado

²⁷ Foi o objectivo dos nossos estudos: *Comércio inter-insular nos séculos XV e XVI. Madeira, Açores e Canárias*, Funchal, 1987; *Portugal y las islas del Atlantico*, Madrid, 1992.

de realizações públicas, o lançamento de publicações da especialidade e a criação dos arquivos distritais ou provinciais alicerçaram a nova realidade. Na Madeira (1919-1921) e Açores (1932) as comemorações da respectiva descoberta associadas às efemérides nacionais de 1940 e 1960 contribuíram de modo decisivo para a afirmação e divulgação da História. Para as Canárias a animação ficou a dever-se ao impulso dado por Elias Serra Ráfols, a partir dos anos quarenta, na Universidade de La Laguna, que conseguiu motivar um numeroso grupo de entusiastas pela história do arquipélago, encaminhando-os para a carreira científica e para a valorização dos vestígios documentais levado a cabo com a criação dos arquivos provinciais. As três últimas décadas do século XX foram decisivas para o salto qualitativo da Historiografia insular, demarcando em todos os arquipélagos uma ambiência favorável à afirmação. Aqui, assumem particular importância as instituições culturais, as publicações periódicas e, a inovação da época, os colóquios de História.

Os colóquios, simpósios e seminários ainda continuam a ser um momento privilegiado da divulgação do saber histórico. Estamos perante uma nova dimensão historiográfica, que surgiu a partir da década de setenta, firmando-se nos últimos anos como uma realidade insofismável. A década de oitenta emerge assim como o momento de maior relevância na investigação histórica insular, que condicionou os rumos da Historiografia nas décadas seguintes. Na verdade, os encontros, para além de permitirem o contacto com outras correntes historiográficas, têm o condão de nos oferecer visões de fora dos mesmos acontecimentos, permitindo um maior enquadramento das realidades²⁸.

Por tudo isto é forçoso afirmar que a ilha não se reduz apenas à dimensão geográfica. À sua volta palpita um mundo que

²⁸ Primeiro foram os investigadores das Canárias a reconhecer a necessidade deste tipo de realização ao lançarem em 1976 o *Colóquio de História Canario Americana*, sob a égide da Casa de Colón, com a coordenação do Prof. Doutor Francisco Morales Padron. Os resultados da primeira iniciativa contribuíram para a continuidade e a concretização de idêntica iniciativa nos Açores (1983), em Fuerteventura (1984) e, por último, na Madeira (1986).

gera múltiplas conexões e que não pode ser descurado sob pena de estarmos a atraiçoar o próprio devir histórico. Há que rasgar o casulo da ilha e postar-se nas torres *avista-navios* e vislumbrar o imenso firmamento que nos conduz a outras ilhas e continentes. Isto só será possível quando ultrapassarmos a fase do egocentrismo e mergulharmos na profundidade do Atlântico à busca da atlanticidade.

PARA UMA VISÃO HOLÍSTICA DO ESPAÇO ATLÂNTICO²⁹

A possibilidade da História do Atlântico como disciplina autónoma não pode acontecer da forma que tem sucedido até ao momento. O Atlântico deve ser vista de forma holística e não a partir de uma visão unilateral, de acordo com a língua ou posição geográfica do interveniente. O Atlântico assim entendido privilegia um conjunto de conexões amplas e não enferma da visão unilateral de um ou outro lado do oceano. Todos, incluídas as ilhas, estiveram e deve estar envolvidos no processo de afirmação do mundo Atlântico³⁰. O esforço que tem sido feito por parte da Historiografia insular não pode ser esquecido na hora de estudar e sistematizar os conhecimentos sobre o Atlântico. Para além de nunca ter existido um atlântico linguístico, também não se pode apostar numa visão nacionalista do mesmo. Porque na verdade o Atlântico começou por ser um espaço de disputa de portugueses e castelhanos, mas depois a conjuntura da segunda metade do século XVI fez dele um mar aberto a todos os intervenientes no processo expansionista e imperial europeu, não poupando bandeiras ou línguas.

²⁹ John R. Hall, *World-System Holism and Colonial Brazilian Agriculture: a Critical Case Analysis*. *Latin American Research Review*. Volume: 19: 2, 1984.

³⁰ Assinale-se o nosso trabalho em Horst Pietschmann, *Atlantic History: History of the Atlantic System, 1580-1830*, Joachim Jungius [Hamburg], 2002.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

Não se torna necessária a apresentação da bibliografia mais importante que serve de fundamentação ao que vimos defendendo. Caso o leitor tenha interesse poderá ver a *Bibliografia Atlântica*³¹ publicada assiduamente nas páginas deste anuário e outros textos compilatórios. Tendo em conta que Pat Denault³² apresentou uma lista de estudos publicados em língua inglesa desde 1995, altura de começo dos seminários de Harvard, aqui só reuniremos os estudos do mundo ibérico e também publicados quer em português e castelhano, completando-se a lacuna da lista citada.

1. **Aspectos teóricos:** Bailyn, Bernard, *Atlantic History: Concept and Contours*, Harvard University Press, 2005, T. H. Breen and Timothy Hall, *Colonial America in an Atlantic World: A Story of Creative Interaction*, Pearson Longman, 2004, Paul Butel, *The Atlantic*, Routledge, 1999. Jorge Cañizares-Esguerra, *How to Write the History of the New World: Histories, Epistemologies, Identities in the Eighteenth-Century Atlantic World*, Stanford University Press, 2001. Philip D. Curtin, *The Rise and Fall of the Plantation Complex: Essays in Atlantic History*, Cambridge University Press, 1998. Wim Klooster, Illicit Riches and Alfred Padula, eds., *The Atlantic World: Essays on Slavery, Migration, and Imagination*, Pearson Prentice Hall, 2004. Horst Pietschmann, *Atlantic History: History of the Atlantic System, 1580-1830*, Joachim Jungius [Hamburg], 2002. Steven G. Reinhardt and Dennis Reinhartz, eds., *Transatlantic History*, Texas A&M University Press Consortium, 2006. Nicholas Canny, «Writing Atlantic History; or, Reconfiguring the History of Colonial British America», *Journal of American History* 86, no. 3 (Dec. 1999): 1093-1114.

2. **Estudos sobre o Sistema Atlântico:** Alencastro, Luiz Filipe de, *O Trato dos Videntes. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII*,

³¹ A compilação bibliográfica iniciou-se em 1955, sendo coordenada até 1970 por Miguel Santiago, que de lugar a Marcos G. Martínez até 1993, com o título de «Bibliografia atlântica y especialmente canaria». A partir de 1994 o serviço foi mantido pelo Seminário de humanidades Agustín Millares Carló, sendo desde 1998 da responsabilidade do Centro de Documentación Pedro Agustín del Castillo.

³² Pat Denault, *Bibliography in Atlantic History*, in <http://www.fas.harvard.edu/~atlantic/atlanbib.html>.

São Paulo, 2000; Boxer, Charles, *The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825*, Londres, 1969 (ed. em Português 1977); Bustos Rodríguez, M., *Cádiz en el Sistema Atlántico. La Ciudad, sus Comerciantes y su Actividad Mercantil (1650-1830)*, Cádiz, 2005; Céspedes del Castillo, G., *La Exploración del Atlántico*, Madrid, 1992, Idem, *La Historia Atlántica*, in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, t. CCII, cuaderno II, Madrid, 2006, 145-162; Chaunu, P. e H, *Seville et l'Atlantique*, Paris, 1955-1960; Coates, Timothy J. *Degredados e Orfãos: Colonização Dirigida pela Coroa no Império Português, 1550-1755*, Lisboa, 1998. Elliott, John, *Busqueda de la Historia atlántica*, Las Palmas de Gran Canaria, 2001, Evans Pim, Joám, Óscar Crespo e Bárbara Kristensen (eds), *Estudos Atlânticos-Novos Rumos para uma Matriz Multidisciplinar Circum-Atlântica*, Rianxo, IGESIP, 2006, Idem, *Essays on the Atlantic Studies-Rediscovering the Atlantic Maze*, Rianxo, IGESIP, 2006; Kagan, Richard L., Geoffrey Parker(eds.), *España, Europa y el Mundo Atlántico*, Madrid, 2002; Martínez Shaw e José Maria Oliva Melgar (eds.), *El Sistema Atlántico Español (siglos XVII- XIX)*, Madrid, 2005. Mauro, F.: *Portugal, o Brasil e o Atlântico 1570-1670*, 2 vols, Lisboa, 1988-89. Ruseel, Wood, A. J. R., *Um Mundo em Movimento. Os Portugueses na África, Ásia e América, 1415-1808*, Lisboa, 1998.

3. **Estudos específicos sobre as ilhas:** *As Ilhas e o Brasil*, Funchal, CEHA, 2000, Duncan, T. B.: *Atlantic Islands in the Seventeenth Century: Madeira, the Azores and the Cape Verdes in Seventeenth Century Commerce and Navigation*, Chicago, 1972; Guimerá Ravina, Agustín, *Burguesia Extranjera y Comercio Atlántico, La Empresa Comercial Irlandesa en Canarias (1703-1771)*, Madrid, 1985. Silva, José Manuel Azevedo e, *A Importância dos Espaços Insulares no Contexto do mundo Atlântico*, in *História das Ilhas Atlânticas*, vol. I, Funchal, 1997, pp.125-161; Vieira, Alberto, *O Comércio Interinsular(Madeira, Açores e Canárias) nos Séculos XV e XVI*, Funchal, 1987. Idem, *Portugal y Las Islas del Atlántico*, Madrid, 1992. Idem, *Guia para a História e Investigação das ilhas Atlânticas*, Funchal, 1995, Idem, *As Ilhas Atlânticas*, Lisboa, CTT, 1995.

Obs.: Tenha-se em atenção os colóquios realizados, nomeadamente nas Canárias, Madeira e Açores, donde resultou informação inovadora sobre a afirmação das ilhas no sistema atlântico:

Colóquio Internacional de História da Madeira/Colóquio Internacional das Ilhas Atlânticas, 1985-2006(com sete encontros realizados e 8 volumes publicados), *Colóquio de História Canário Americano*, Las Palmas, 1976-2006(com 17 encontros realizados e inúmeros volumes publicados, sendo de destacar os referentes às sessões temáticas especializadas)